

ANO IV

PASQUIM FEMINISTA
Publicação da COLETIVA FEMINISTA GSEX
ANO IV - Nº01

DATA de FECHAMENTO: 30/05/2025

MARIA MEIRE DE CARVALHO
Coordenadora do projeto

ANA GABRIELA COLANTONI
GABRIELA MAÇALHÃES SABINO
Revisoras do projeto

ANA CAROLA CAVALCANTE
Design e diagramação gráfica



PASQUIM FEMINISTA

INFORMATIVO LIBERTÁRIO ROSA GOMES

A POLÍTICA DO ESTÉTICA-GAME . A IMPORTÂNCIA DO GOZO COLETIVO
MACHISMO, MISOGINIA E SEXISMO . NOSSAS MULHERES, NOSSAS HISTÓRIAS
EMPODER(AR) . COMO CRIAR UMA CRIANÇA FEMINISTA
LEIA MULHERES . FERRÃO . SUBLIME LIBERDADE DE VIVER E SER POESIA

**NESTA
EDIÇÃO** !

A POLÍTICA DO ESTÉTICA-GAME: QUANDO COMPETÊNCIA VIRA ADEREÇO

Por: Ana C. Cavalcante

Em 2025, a velha exigência de que mulheres na política sejam "bonitas" continua firme. Competência, articulação e estratégia não bastam – é preciso ser "agradável aos olhos" para ser bem aceita. Silvia Federici já denunciava essa apropriação dos corpos femininos, usados historicamente como moeda de troca e agora instrumentalizados para facilitar relações de poder. Antes queimavam mulheres, hoje as elogiam – mas a opressão segue firme, apenas mais sofisticada.

O sistema político, que sempre excluiu mulheres e desvalorizou seu trabalho, agora as quer presentes – desde que cumpram o papel de "apaziguadoras", "interlocutoras naturais" ou, em bom português, "cartão de visitas". A mensagem é clara: não importa nossa formação ou trajetória, se não atendermos ao padrão estético esperado, somos descartáveis; se atendermos, somos um recurso estratégico, nunca protagonistas. E não é porque essa visão machista vem agora da maior representação do campo progressista que ela está certa. Pelo contrário: isso apenas expõe o quanto o patriarcado é estrutural e atravessa todas as ideologias.

A verdadeira mudança estética que a política precisa não está na aparência das mulheres que a ocupam, mas na destruição das estruturas que ainda nos colocam como adereço. Queremos mais mulheres na política, mas não para enfeitar, e sim para transformar. Quando nossa presença for medida por competência e não por apelo visual, talvez possamos, enfim, dizer que a paisagem política se tornou mais bonita de verdade.



A IMPORTÂNCIA DO GOZO COLETIVO EM CONTRAPOSIÇÃO À MONOCULTURA DO GOZO

Por: Ana Gabriela Colantoni - professora de filosofia, integrante da Coletiva Feminista GSEX

A filosofia tem o caráter aberto e atemporal. O que foi discutido na antiguidade pode ainda contribuir para a discussão das questões do hoje e do agora. Penso agora na obra “Ética a Nicômaco” de Aristóteles, tanto quanto na obra “Ética” de Espinosa. Nessas obras, o sumo bem é o gozo coletivo. Penso também em “O que é o utilitarismo de Stuart Mill”, onde a moralidade está relacionada ao maior número de prazer para o coletivo. Na cultura afro-brasileira, o axé é a energia vital. O ser é força e relaciona-se intimamente com o coletivo. Nesse sentido podemos absorver da filosofia antiga, da moderna e da contemporânea a importância do prazer coletivo, inclusive como ferramenta política de contestação aos adestramentos dos corpos para a acumulação do capital nas mãos de uma minoria.

Mas isso não tem nada a ver com o único gozo permitido pela sociedade patriarcal, sexista e machista, ou seja, a monocultura do gozo: o gozo do homem heterossexual, branco, cristão e com patrimônio. Nós vivemos em um cenário que, em nome desse único gozo, a dor a outrem é imposta. Violência, subjugação, assédio e controle é a consequência do gozo da monocultura do pensamento em detrimento do gozo coletivo.

Eu penso que a sexualidade é algo maravilhoso. O mundo erótico é preciso ser alcançado, a liberdade dos corpos é pauta. Mas tudo isso não faz sentido sem que seja garantida a saúde sexual, a liberdade e o consentimento. Nada que seja consensual é errado, afinal, para uma ética reflexiva, só criamos juízo de valor quando há conflito direto e significativo de interesses.

Porém, quando, para atingir o gozo individual é preciso dominar, controlar, manipular, subjugar, violentar Outrem, então precisamos interferir e rechaçar sem medo: denúncia e punição para aqueles que não quiseram aprender com a arte e com a educação. Se não conseguem regozijar com o coletivo, não conseguem ouvir a voz da flexibilidade e da diversidade, então só nos resta defender que seus venenos se voltem contra eles: cadeia competente e com firmeza para esses vermes!



MACHISMO, MISOGINIA E SEXISMO NO ALGORITMO E NA IA: REPRODUÇÕES DE DESIGUALDADES DE GÊNERO

Por: Maria Meire de Carvalho

Em tempos de Inteligência Artificial em alta é preciso revisitar as reflexões das lutas já conquistadas e questionar os sistemas de tecnologias automatizantes que reproduzem as desigualdades e as discriminações em massa contra as mulheridades.

Representações estereotipadas em diversos aspectos das tecnologias de Inteligência Artificial estão sendo utilizadas para tomadas de decisões que impactam vários aspectos da vida das mulheridades.

Os algoritmos, por exemplo, definem até modelos estereotipados para a empregabilidade de mulheres, reproduzindo discriminações sociais na divisão social do trabalho. Essas decisões automatizam e reforçam os processos seletivos para uma divisão sexual do trabalho e traz à tona incertezas já superadas no âmbito laboral.

E como disse João do Vale, compositor da canção Na asa do Vento: "a ciência da abelha, da aranha e a minha muita gente desconhece". Mister mencionar que o algoritmo segue vieses pré-existentes que o antecedem e que estão correlacionados com os padrões culturais dos valores inseridos na sociedade, já que os programas se alinham aos valores de um referimento da sociedade patriarcal.

Partindo para o exemplo da programação dos jogos, percebe-se que os programadores criaram uma seleção sistêmica, dividida em três grupos para desenvolver os softwares:

- i) exclusivamente para o uso de meninos;
- ii) exclusivamente para uso de meninas;
- iii) para uso de meninos e meninas.

Ao analisar os softwares considerados programados para meninos e meninas observa-se que o funcionamento do sistema está bem mais próximo dos jogos desenvolvidos para os meninos, pois os programadores consideraram que a maior parte de usuários de jogos por computadores, seriam de meninos.

Assim é possível entender que mesmo quando o sistema é criado na perspectiva de neutralizar os sexos, ele processa seleção de desigualdades de gênero e ainda desconsidera o gênero para além do sistema binário. Outra discriminação observada refere-se ao uso da linguagem que são organizadas em redes e quando o contexto da palavra é levado para uma sequência numérica de classificações usuais para o emprego dessas palavras na máquina, mais uma vez, o software é habilitado por escolhas patriarcais, deixando de fora o que não lhe interessa usar; nesse caso despreza, na maioria das vezes, os pronomes ela/dela.

continua ➡



Assim, não podemos ignorar que os sistemas são criados por conceitos e são gerenciados por seres humanos, nesse caso específico que aqui tratamos, homens machistas engendrados na reprodução das desigualdades de gênero, o que faz a tecnologia reproduzir a sociedade cisgênera, patriarcal, racista, misógina e sexista.

E para finalizar essa reflexão retomo a nossa conhecida Alexia, que, segundo a engenheira de software Fabiane Araújo, teve sua voz feminina escolhida pela Amazon a partir de pesquisa realizada pela própria empresa que aponta que as vozes femininas são mais agradáveis e acolhedoras e que isso facilita a comunicação, ou seja, dar ordem de comando às mulheres traz condição de subserviência.

Além da Alexia, existem outras "assistentes digitais" que também foram denominadas por nomes e vozes femininas, como: Alexia, Siri, Cortana, Bia, Lu, dentre outras, situações que nos mostram o sexismo reproduzido no padrão de imagens femininas, já que elas como personagens humanizadas são caracterizadas por mulheres.

Inclusive, o relatório da divisão cultural e científica da ONU, critica a programação de assistentes pessoais digitais e já reconheceu que os padrões de jovens, submissas e servis usados para designar Alexia e Siri são sexistas, segundo a UNESCO. Mas, essa é uma reflexão temática para um próximo artigo de opinião.

NOSSAS MULHERES, NOSSAS HISTÓRIAS!

Por: Celisa Gonzaga de Brito - Vilaboense, filha da Fátima!

Todas as famílias contam histórias gloriosas, esplendidas histórias de resistência ou de falência financeira de alguns homens da família. A minha história é diferente...

Conta a história de uma trisavó indígena, que segundo contam foi pega no laço; de uma bisavó curandeira que nunca pisou em um hospital; de uma avó que, mesmo tendo fogão a gás todo equipado, era forçada pelo marido a usar somente o fogão a lenha, até mesmo para coar um simples café. Um dia, minha avó no seu limite, jogou um balde d'água no fogão e nas lenhas e depois mandou o meu avô acender o fogo. A história da minha mãe que, sem casar, engravidou e enfrentou o mundo machista para me criar, enquanto mãe solo.

O que todas essas mulheres têm em comum? Todas enfrentaram, ao seu modo, o sistema patriarcal opressor, cada uma em seu tempo e com suas dores se calaram ou enfrentaram os opressores. Mas, o pior é que o sistema patriarcal continua oprimindo as mulheres, cotidianamente.

E nós ficamos a nos lembrar somente das lembranças das histórias dos homens de nossas famílias, glorificando-os. Talvez, inconscientemente, desde a infância trazemos internalizadas que a culpa da humanidade é carregada por uma mulher: Eva - aquela que carrega a culpa da desventura humana na terra. E assim, somos levadas a negligenciar e diminuir a importância das narrativas construídas por mulheres - as histórias das nossas ancestrais. Precisamos conhecer, reconhecer e nos aproximarmos dessas mulheres, pois suas trajetórias de vida nos encorajam e nos motivam a fortalecer nossas vivências diárias.



Certamente sua família também está cheia dessas mulheres aguerridas e corajosas que enfrentaram e enfrentam barreiras sociais impostas somente para nós mulheres. Mulheres que lutaram e lutam pela existência, mulheres que buscam o empoderamento feminino, algumas delas sem estudo formal (ou pouco), mulheres que nunca leram ou tiveram contato direto com o movimento feminista e à sua maneira se fazem mulheres feministas. Sim, elas existem e muitas estão bem perto de nós, assim devemos aplaudi-las. Viva nossas mulheres e suas histórias veladas.

EMPODER (AR): UM LEGADO DE UMA PROFESSORA ANTISSEXISTA E SEUS ESTUDANTES PROTAGONISTAS

*Por: Gabriela Magalhães Sabino
gabysabryna28@gmail.com
Doutoranda em Letras e Linguística (PPGLL/UFG)
e Professora (SEDUC/TO)*

A revolução começa comigo. Eu sempre quis mudar o mundo de alguma forma. Quando decidi ser professora, eu percebi que isso era possível, porque não existe nada mais transformador que o conhecimento. Kilomba (2012) menciona a expressão torna-se sujeito, ou seja, sempre procurei trazer para a sala de aula as opressões e desigualdades para que meus estudantes tomassem consciência de suas subjetividades acerca da interseccionalidade.

Nesta trajetória me apaixonei pela Ciências da Linguagem e foi na Iniciação Científica ao lado da minha querida professora Dra. Elizete Beatriz Azambuja na Universidade Estadual de Goiás em São Luís de Montes Belos que tudo tomou um contorno robusto para que o interesse e a curiosidade fizessem morada em minha vida. Tempos depois, com outra pesquisadora brilhante - Luana Luterman - conheci o feminismo no mestrado e, a partir daí, compreendi tantas coerções que já havia sofrido. Foi na leitura do livro Empoderamento de Joice Berth da Coleção Feminismos Plurais pelas palavras da professora feminista Nelly Stromquist que entendi que o empoderamento consistia em quatro dimensões: cognitiva, isto é, uma visão crítica da realidade. Nesse sentido, utilizo essa perspectiva enquanto postulado da BNCC quanto às competências gerais do pensamento crítico e psicológico, especialmente para incentivar o autoconhecimento e o autocuidado; político (consciência das desigualdades de poder e da capacidade de se organizar e mobilizar), pensamento sobre a responsabilidade e a cidadania e, por fim, a econômico que tange o trabalho e projeto de vida de cada discente.



continua 

Dito isso, orientada no doutorado pela Profa. Dra. Joana Plaza Pinto, um nome de referência em pesquisas feministas criei o grupo de protagonismo EMP♀DER (AR) ao lado de 05 jovens inspiradores para promover a emancipação social e política. Ademais, discutir como as relações são construídas dentro de práticas educativas para questionar o que está dado sócio-historicamente e ressignificar estes saberes cristalizados e engessados enquanto papel da escola na construção da cidadania. Além de promover uma pesquisa participativa mediante as praxiologias acadêmicas através de uma iniciativa de iniciação científica no Ensino Médio para compreender a importância de utilizar os espaços da escola ações/projetos, especialmente o com caráter social que possa propiciar a popularização dos saberes científicos ressaltando as temáticas contemporâneas e mudanças de arranjos sociais e de combater os vários tipos de violência.

Em suma, neste mês de março partilhamos sementes de saberes sobre o empoderamento em diversos espaços das cidades tocantinenses e continuamos resistindo apesar de notícias como a condenação anulada da sentença que havia condenado Daniel Alves por ter estuprado uma jovem ou pelo caso da morte de Vitória Cajamar ou pelo pai que atirou seu filho de cinco anos de uma ponte, mandando um áudio para sua ex-companheira dizendo que havia feito uma loucurinha. Terminei este texto com a dedicatória *in memoriam* a grande pesquisadora feminista Heloisa Texeira, mulher que tanto me inspirou, pois para ela: A gente não quer dominar ninguém. A gente quer mudar o mundo. Ainda estamos aqui.

E seguimos entoando: “O machismo mata. O silêncio também. Denuncie”.

COMO CRIAR UMA CRIANÇA FEMINISTA?

Por: Esdra Basílio

O título parafraseado do livro da escritora Chimamanda Ngozi Adichie, “Como educar crianças feministas”, apresenta um desafio. A palavra feminista, aqui, é compreendida de forma ampla. Esta proposta visa pensar estratégias para mudar culturalmente a sociedade. Afirmo ser um desafio, pois estamos imersas em uma sociedade machista onde o patriarcado domina os espaços em que habitamos, seja no âmbito privado como nossa casa, ou os espaços públicos como igrejas, escolas, associações.

As relações sociais são construídas a partir de normas e regras estabelecidas como verdadeiras; a divisão ocorre entre masculino e feminino, no sentido de atribuir determinadas características às mulheres e outras características aos homens.

Devido à velocidade e à amplificação das redes sociais tomamos conhecimento dos crimes de feminicídio que são divulgados diariamente. Os motivos sempre se repetem: ciúmes e a não aceitação do fim da relação conjugal colocam a mulher como objeto de posse de um homem. A violência perpetuada só aumenta.

Acredito que uma das possibilidades que pode quebrar esse ciclo de violência de gênero e misoginia é ensinarmos, desde tenra idade, meninas e meninos a se relacionarem de forma respeitosa, sem hierarquia e divisão de habilidades, por exemplo, as atividades relacionadas à manutenção de uma casa, como cozinhar. Essa prática deve ser ensinada de forma indiscriminada para meninas e meninos.

Os estereótipos relacionados ao comportamento de como os homens devem proteger as mulheres porque são frágeis, que os homens são provedores e as mulheres essencialmente são cuidadoras, devem ser desmistificados.

Os estigmas contribuem para essa visão de que nós mulheres não somos sujeitas, mas sim objetos, retirando a nossa humanidade.

O sentimento de posse é reafirmado e legitimado pelos dispositivos da mídia, como observado nas letras de músicas sertanejas, também chamadas de sertanejo universitário, por meio das quais vemos propagandas que ainda hoje objetificam o corpo feminino.

As políticas públicas ainda não conseguiram efetivamente alcançar a raiz do problema. No bojo da discussão sobre como diminuir a recorrência dos casos de feminicídio, existe a proposta de aumentar as punições para aqueles que cometem o crime. Contudo, acredito que uma saída mais efetiva é o investimento na educação, na mudança radical na forma como meninas e meninos são ensinadas sobre as diferenças de gênero, na implementação de políticas públicas junto às escolas; todas são ações poderosas para trilharmos o combate às desigualdades de gênero.

A perspectiva feminista tem o poder de transformar atitudes em ações. Citando mais uma vez a brilhante escritora Chimamanda “Sejamos todos/as feministas”.

LEIA MULHERES, UM PROJETO QUE CELEBRA AUTORAS E CONECTA MULHERES

Por: Francinaide Verônica da Silva Vieira

Mulheres reunidas nunca foi sinônimo de reunião de mulheres, a primeira geralmente ocorre em ocasiões festivas, muitas vezes na presença de familiares, onde, entre uma bebida e outra, pedidos de socorro se manifestam disfarçados por sorrisos amarelos e furtivos, frequentemente ofuscados pela indiferença típica dos ambientes comemorativos. Em contrapartida, a reunião de mulheres é intencional, com hora e dia definidos, com conteúdo previamente conhecido para ser debatido após reflexões individuais.

Neste espaço, as participantes se sentem seguras para compartilhar suas experiências em grupo, permitindo-se a escuta ativa, a fala acolhedora, a amizade e conexões profundas dentro da universalidade que é entender-se mulher.

Nossa experiência conjunta em Ipameri possibilitou que, em um ano de atividade, promovêssemos não apenas a divulgação de produções literárias de mulheres sob uma perspectiva interseccional, mas também testemunhássemos o fortalecimento de mulheres que se posicionam ativamente em ações de sororidade. Enfim, ao nos tornarmos mais conscientes da importância do nosso papel na construção de mudanças fundamentais na busca pela equidade de gênero e inclusão da diversidade, estaremos prontas para usufruir de um futuro mais justo e igualitário.

Informações

sobre o Projeto “Leia Mulheres” podem ser encontradas em:

<https://leiamulheres.com.br/>

Caso queiram nos conhecer, nosso clube está

no instagram [@leiamulheresipameri](https://www.instagram.com/leiamulheresipameri) Nos vemos na próxima leitura!

Francinaide Verônica da Silva Vieira, mulher cis, feminista, analista judiciária do TJ/GO, graduada em direito, especialista em Direito Civil, Ensino Interdisciplinar da Infância e Direitos Humanos, mestra em gestão organizacional, palestrante e ativista social. Contato de e-mail: francinaideveronica@gmail.com

SUBLIME LIBERDADE DE VIVER E SER POESIA!

Por: Sinvaline Pinheiro

Hora de lavar a louça, varrer a casa e um bocado de olhinhos esperam comida...
Mas, um beija-flor sobrevoa a pia, arfa asas e me leva junto...
A brisa fria refresca a cabeça e a pia cheia de louça fica distante...
Tão leve sou quanto o encanto que me abraça por esses céus...

Não sei das horas, o tempo não existe na embriaguez do sonho ...
Miado e latidos me tiram do torpor. Querem almoço, já é tarde...
Assustada olho a cozinha abandonada, enquanto viajava nas asas do beija-flor...

E cabisbaixa só soube dizer:
Desculpem, voei nas asas de um passarinho.
Fomos ver a poesia antes que
ela se dissipasse na labuta...

E sorridente ainda embriagada recomeço a rabiscar versos...
Já não importa a casa suja, nem a horas e os dias...
Quero voar em poesia, ir longe, bem longe...
Distante daqui e muito além de todos os versos que eu possa criar...



FERRÃO

Por: Ariana Lobo

Comprei um canivete
de lâmina negra
delicado
porém perigoso

É que todo dia
[sem exceção]
morre uma
duas
várias todas

Todo dia
[todo dia, ouviram?]
um desconhecido
chefe tio ou ex
pode ser até atual
esses principalmente
mas também primos
conhecidos irmãos

colegas professores
um deles
sempre
vai ter a lâmina
[no olho na língua nos dedos
ou no pau]
afiada na medida
para cortar o talho fora
metafórica e literalmente
da pele de uma de nós

Hoje ele foi ao trabalho dela com a
intenção de matar
Hoje a criança foi estuprada pelo
próprio avô
Hoje a artista foi encontrada morta
em uma cova rasa
Hoje ele deu golpes de facão em
quatro mulheres de uma mesma
família
Hoje a mãe foi agredida pelo
marido em frente às crianças
Hoje o tiro na testa dela foi filmado por ele
mesmo

Hoje a casa dela recebeu chuva de balas
ressentidas pelo término
Hoje mais um bom moço usa a internet para
justificar o injusticável
Hoje sua amiga foi seguida voltando do trabalho
Hoje você foi deliberadamente assediada, assim,
em plena luz do dia
HojeHojeHoje...

Todo dia[ouviram?]
a lâmina aponta pra mim
tirando fino da jugular
de uma duas várias todas

Por tudo isso comprei um canivete
negro com um escorpião desenhado na lâmina:
delicado porém perigoso



Convite

Passando aqui em nome da **PASQUIM FEMINISTA: INFORMATIVO LIBERTÁRIO ROSA GOMES** - aquele jornalzinho poderoso feito pelas minas da **Coletiva Feminista GSEX** - para te fazer um convite massa!

Que tal soltar a voz e escrever um artigo de opinião pra gente? É só pegar o Word, ajustar pra letra 12 e espaçamento 1,5 e soltar a criatividade num texto com até 2 mil caracteres. Coloca um título maneiro, teu nome, o que você manja e teu email.

O texto pode ser sobre várias paradas: mulheres, gênero, violências, feminismo, corpo, sexualidade, direitos das minas, e por aí vai.

Manda isso pra gente até dia 15 de cada mês pro email: gsexgoias@gmail.com

Ah, e se você quiser mandar uns poemas, desenhos, charges, ou qualquer coisa massa relacionada às minas, manda também!

Valeu desde já!

**COLETIVA
FEMINISTA
GSEX**



acompanhe nossas redes

  @coletivagsex